

# Questões de património

Miguel Magalhães Ramalho | Geólogo

*Embora o nosso território seja relativamente reduzido (cerca de 92 000 km<sup>2</sup>), apresenta uma grande diversidade de paisagens. Se, por exemplo, o atravessarmos de norte a sul, são vários os “países” que observamos, apresentando características diferenciadas: o relevo, a vegetação, a arquitetura tradicional, o tipo de povoamento, as culturas agrícolas, os microclimas, a gastronomia etc. e, mesmo em termos mais gerais, as próprias pessoas.*

**E**ssa diferenciação tem por base a diversidade geológica do nosso país. Mesmo um leigo, se olhar para a carta geológica de Portugal, por exemplo à escala 1/1 000 000, salta-lhe à vista a profusão de manchas e cores, as quais representam graficamente a geologia do nosso território. Essas cores, além de estarem relacionadas com a idade do subsolo, correspondem a rochas de diversas composições: granitos, xistos, basaltos, quartzitos, calcários, margas, argilas, entre outros.

Se a isso acrescentarmos as múltiplas linhas pretas que recortam aquelas manchas, ou seja, as grandes falhas, podemos verificar que estas controlam frequentemente o percurso dos rios, dos vales, dos relevos salientes e das zonas de nascente.

O conhecimento da geologia do nosso território é, pois, indispensável a ter em conta quando o queremos interpretar do ponto de vista histórico, social e económico. Por outro

“

**O conhecimento da geologia do nosso território é indispensável a ter em conta quando o queremos interpretar do ponto de vista histórico, social e económico.**

”

lado, esse conhecimento é básico para a construção de grandes infraestruturas como autoestradas, barragens, zonas industriais e mineiras, zonas urbanas, deposição de substâncias poluentes, entre outras.

Assim, em especial num país pequeno, os locais dessas “intrusões” devem ser também cuidadosamente escolhidos em função do seu impacto paisagístico, o que nem sempre tem acontecido por cá.

A construção imobiliária no nosso belo litoral é, talvez, o exemplo mais conhecido. Povoações harmoniosas, bem integradas na topografia, que seriam hoje valores inapreciáveis no turismo de qualidade, foram transformadas numa inestética acumulação de prédios, como acontece, por exemplo no Algarve, Sesimbra e Ericeira, só para citar casos da costa rochosa. Na costa arenosa, esse problema é agravado pela crescente erosão do litoral e vulnerabilidade aos



**A paisagem de um país é um património insubstituível e precioso, que devia ser tratado com cuidado merecido, mesmo que represente custos acrescidos, pois isso corresponde a ter respeito por quem cá vive ou visita.**



tsunamis e, nesta área, podemos citar o Hotel do Vimeiro e as torres de Ofir como exemplos do que nunca se deveria ter permitido.

Embora os exemplos de desinteresse pela qualidade da paisagem se possam multiplicar, gostaria de referir, ainda, o caso das nossas estradas, pois ao percorrê-las podemos avaliar mais rapidamente o território.

Um exemplo confrangedor acontece ao longo da estrada Estoril-Sintra, que tem vindo a servir para a instalação de stands de automóveis, novos ou usados, edifícios comerciais de vários tipos, por vezes decrépitos e, por incrível que pareça, local para instalações de enormes painéis publicitários, que crescem como cogumelos. Um triste exemplo de mediocridade dos responsáveis, o qual, ainda por cima, se passa entre dois lugares emblemáticos do turismo nacional.

As autoestradas são outro exemplo da nossa indiferença e de falta de cuidado. Ali repete-se o referido atrás: o número de gigantesco e inestéticos painéis publicitários cresce todos os anos, além de que, face ao aumento da sinistralidade nas estradas, deviam ser proibidos, pois fomentam a distração dos condutores.

Somam-se a esses painéis, grandes armazéns comerciais, com exibição dos seus cartazes, produtos, e frotas de viaturas que foram autorizados a instalar-se ao longo daquelas vias, em locais bem visíveis para servirem como publicidade, mas de lamentá-

vel efeito paisagístico como acontece na A1. Lamentável é, também, o tratamento que tem sido dado às trincheiras dessas vias. Não falo da colocação de redes metálicas para evitar quedas de blocos mas da cimentação brutal que se tem feito nas trincheiras mais altas. Mesmo admitindo que todas elas precisavam dessa intervenção radical, o que eu duvido, devia ter havido o cuidado de preparar nichos ou terraços onde a vegetação pudesse crescer para atenuar o mau efeito estético que todo aquele cimento causa.

Em minha opinião a paisagem de um país é um património insubstituível e precioso, que devia ser tratado com o cuidado merecido, mesmo que represente custos acrescidos, pois isso corresponde a ter respeito por quem cá vive ou visita.

Nos últimos anos tem surgido um interesse crescente pelo chamado património geológico, ou seja, pela preservação e valorização de locais com importância geológica do ponto de vista científico, estético e pedagógico, hoje designados por geossítios.

Os então Serviços Geológicos de Portugal (SGP), a partir da década de 1970, tomaram as primeiras iniciativas a nível oficial para a proteção de vários geossítios, em especial situados no litoral, por serem os mais vulneráveis à construção imobiliária.

Por outro lado, a criação de vários Parques Naturais a nível governamental veio exercer uma notável influência na preservação do

património paisagístico em vastas áreas do país. Há nomes que não se podem esquecer, como Gonçalo Ribeiro Telles, Carlos Pimenta, Correia da Cunha, entre outros, bem como salientar a acção das nossas primeiras ONG'S do ambiente, em que se destaca a Liga para a Proteção da Natureza e Carlos Baeta Neves, seu histórico entusiasta.

No entanto, o património geológico ficou bastante esquecido pelo Instituto de Conservação da Natureza (ICN). Contudo, anos mais tarde, o ICN financiou a publicação de vários guias explicativos da geologia dos Parques da Peneda-Gerês, da Serra da Estrela, das Berlengas, de Sintra-Cascais e da Ria Formosa e Algarve oriental, por proposta dos SGP, que os elaboraram e o fizeram com o objetivo de dar a conhecer simplificada a geologia daqueles parques. Mais tarde os mesmos SGP produziram os guias do Parque Arqueológico de Foz Côa e do arquipélago da Madeira.

O conhecimento geológico do nosso território, tão interessante e importante, está atualmente a entusiasmar diversos grupos locais para a constituição dos chamados geoparques, figura reconhecida internacionalmente.

Estas duas questões que aqui abordei muito sumariamente – património paisagístico e geológico – fazem parte de um todo muito mais vasto, que cabe a nós, portugueses, a responsabilidade de o conhecer, proteger e valorizar, como recurso finito que é ■